

COSMOVISÕES: A FORMAÇÃO HUMANA ENTRE MUROS

Gleyds Silva Domingues*

RESUMO

As cosmovisões são suposições que alimentam as expressões de vida, manifestas nos jeitos de ser, pensar e agir dos homens. Esses jeitos revelam as crenças e os sentidos da existência, e por isso devem ser frutos de análise e reflexão. A temática cosmovisões, ainda, abrange diferentes dimensões da formação humana, dentre elas a educação, que se configura em dois sentidos: vida e mercado. No primeiro, busca-se a formação integral de homens e mulheres, que em suas ações explicitam o desejo de impactar e transformar os rumos da sociedade. No segundo, a intenção é a formação em larga escala de homens e mulheres, cuja ação específica é a produção de mão de obra. Estes dois sentidos revelados pela educação possibilitam compreender como as cosmovisões se afirmam num contexto cultural, a partir da ação educativa que objetiva a formação humana. Essa tentativa de compreensão pauta-se no paralelo a ser efetivado entre os dois sentidos presentes no ato educativo, como visões de mundo que se manifestam nas práticas sociais, imprimindo significados à forma de olhar e interpretar a realidade. Para tal empreendimento, faz-se necessário o confronto entre os discursos produzidos, reconhecendo que neste trabalho inicial, a constatação é um passo em direção ao diálogo e à abertura de novas investigações neste campo simbólico e inquietante de conhecimento.

Palavras-Chave: cosmovisões; educação; formação humana

ABSTRACT

Worldviews are suppositions which feed the expressions of life, manifested in the ways of being, thinking and acting of men. These ways reveal the beliefs and significances of existence, and, therefore, must be fruits of analysis and reflection. The worldview theme, also, covers different dimensions of the human formation, between them education, which configures itself in two ways: life and market. In the first, the integral formation of men and women is sought, who, in their actions, explicit the desire of impacting and transforming the paths of society. In the second, the intention is the large scale formation of men and women, whose specific action is the workforce production. These two meanings revealed by education allow comprehending how worldviews affirm themselves in a cultural context, from educative action, which objectifies the human formation. This comprehension attempt is framed in the parallel to be effected among the two present meanings in the educative act, as worldviews that manifest themselves in social practices, impressing significances to the way of seeing and interpreting reality. To such undertaking, the confrontation between produced discourses is necessary, recognizing that, in this initial study, the finding is a step towards dialog and the opening of new investigations in this symbolic and disquieting field of knowledge.

Keywords: Worldview; education; human formation

* Gleyds Silva Domingues, Mestre em Educação, Doutoranda em Teologia pela EST, Bolsista da CAPES, Professora do Ensino Superior – gsdomingues@ig.com.br.

INTRODUÇÃO

A proposta do presente ensaio busca analisar a influência exercida pelas cosmovisões no campo da educação, no que diz respeito à formação humana. Isso porque, uma cosmovisão expressa maneiras de interpretar a realidade e significá-la, quer de forma consciente ou inconsciente.

Uma cosmovisão abarca as diferentes dimensões da vida, por isso se torna determinante de uma lente assumida, uma vez que define o modo como homens e mulheres se movem, se relacionam, se comunicam e interagem no contexto social. Ela assegura o sentido da existência e da formação de homens e mulheres.

Sabe-se, porém, que uma cosmovisão ganha corpo e significação no seio da cultura que a legitima, como um padrão de conduta a ser incorporado nas práticas discursivas e relacionais, por isso se torna alvo de ressignificação ou não, pois depende da forma como as lentes representam e dão validade à vida.

Ao ampliar o campo de influência de uma cosmovisão nos processos de formação humana, oriundos de uma ação educacional, observa-se que há uma expressa intencionalidade demarcada, quer seja nos projetos-políticos pedagógicos, quer seja nas práticas efetivas dos educadores, diretamente envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Isso porque, o fazer discursivo, também, se revela como um veículo legitimador de uma cosmovisão assumida.

Não há como dissociar a cosmovisão, ou lente de interpretação da realidade, dos processos formativos de homens e mulheres, visto que expressam, de fato, o sentido da formação humana pretendida, a qual gira em pólos bem delineados. Esses pólos, aqui, são vistos por meio de duas tensões: vida e mercado. Esta demarcação feita se configura num primeiro passo para compreender como a educação se comporta e sistematiza suas propostas educacionais no interior das práticas sociais.

Falar em cosmovisões no âmbito da educação, também, envolve o trabalho educativo dos educadores, sendo estes os agentes de transmissão e compartilhamento de uma lente significada. Os educadores em suas práticas pedagógicas dão vida e expressão às lentes que definem a sua maneira de perceber e interpretar a realidade.

Discutir o sentido da cosmovisão em educação é um passo em direção à vida. Vida significada e representada nas relações sociais estabelecidas pelos sujeitos frente às problemáticas advindas de uma realidade complexa, dinâmica e

multifacetária. Este é o objetivo assumido para iniciar esta inquietante e provocante discussão.

Educar para vida ou para o mercado, eis a grande questão a ser respondida. A escolha a ser feita não é pura e simples, uma vez que dela se projetará o futuro das gerações e da própria realidade social.

SENTIDO DE UMA COSMOVISÃO

As cosmovisões são suposições que alimentam as expressões de vida, manifestas nos jeitos de ser, pensar e agir dos homens. Esses jeitos revelam as crenças e os sentidos da existência, e por isso devem ser frutos de análise e reflexão, visto que se integram aos sujeitos no ato de olhar o mundo e significá-lo.

Uma cosmovisão, ainda, carrega sentidos que são assimilados e incorporados à vida por um determinado grupo social, a partir da eleição de uma lente. E sobre esta lente é que surgem as interpretações e os modos de ser e estar convivendo e coexistindo em um mundo significado. A lente, então, evoca para a existência de várias cosmovisões, visto ser ela uma produção humana que se materializa na cultura e na organização do pensamento, que norteiam as práticas sociais, históricas, políticas, educacionais e religiosas.

A busca pelo sentido ou pelos sentidos de uma cosmovisão tem seu lugar na realidade, uma vez que se torna necessária para compreender o próprio conceito e significado de humanidade, no que se refere às crenças, às tradições e ao conhecimento relacionado ao ser e ao estar no mundo com uma missão.

Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma narrativa ou como um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que nós sustentamos (consciente ou inconscientemente) sobre a constituição básica da realidade, e que provê o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos.¹

O conceito de cosmovisão apresenta não apenas o sentido a ser dado à palavra, mas a amplitude que abarca na esfera de sua atuação, visto que sua

¹ “A worldview is a commitment, a fundamental orientation of the heart, that can be expressed as a story or in a set of presuppositions (assumptions which may be true, partially true or entirely false) that we hold (consciously or subconsciously, consistently or inconsistently) about the basic constitution of reality, and that provides the foundation on which we live and move and have our being.” (SIRE, James W. *Naming the elephant: worldview as a concept*. Downers Grove: Intervariety, 2004, p. 122 [Tradução própria]).

presença é marcada tanto na ação de homens e mulheres de natureza objetiva quanto subjetiva.

Uma cosmovisão reflete a própria constituição da realidade. É ela que lhe assegura dinamicidade, vida e significação. Isso porque, é formada por suposições que embasam as práticas sociais e relacionais, as quais ganham força nas representações legitimadas no seio de uma cultura.

Uma cosmovisão, ainda, é incorporada a maneira de ser de cada pessoa. Essa maneira é exteriorizada e interiorizada, quer de forma consciente ou inconsciente. O certo é que ela está lá em estado latente, tornando-se definidora de um olhar assumido na interpretação e compreensão da realidade.

Este fato remete a pensar que, os significados vêm carregados de representações sobre a realidade material e imaterial e se legitimam no âmbito das práticas sociais, o que pode resultar na confluência ou na diversidade de vários significados para um mesmo signo. O certo é que uma cosmovisão tem em sua estrutura representações simbólicas que precisam ser decifradas.

A cosmovisão está profundamente assentada nos recessos da mente. Cada pessoa e cultura têm uma cosmovisão. Se é inconsciente, foi recebida através da aculturação ou socialização. Se é consciente, a pessoa examinou criticamente suas suposições e consequências. Idealmente, todas as pessoas seriam 'criticamente conscientes' de seus sistemas de crenças.²

Uma cosmovisão “funcionaria como um compasso ou um mapa, que nos orientaria quanto ao mundo em geral, dando-nos sentido do que está certo ou errado na confusão dos eventos e fenômenos que confrontamos”.³

Esta constatação incita deduzir que a palavra cosmovisão não está destituída de intencionalidade, antes sua inserção nas práticas discursivas⁴ e sociais envolve jeitos de compreender, viver, experimentar e crer na realidade quer seja ela material ou imaterial, temporal ou eterna.

Isso remete a pensar que a palavra, bem como o discurso não são fenômenos estanques, a-históricos e desprovidos de marcas de identidade,

² MILLER, Darrow L. *Discipulando Nações: o poder da verdade para transformar culturas*. Curitiba: Fato é, 2003, p. 35.

³ SOUZA, Rodolfo Amorim Carlos de. *Cosmovisão: evolução do conceito e aplicação cristã*. CARDOSO, Claudio Antonio; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; SILVA, Mauricio, José. *Cosmovisão Cristã e Transformação*. Viçosa, Minas Gerais: Editora Ultimato, 2006, p. 41.

⁴ Norman Fairclough ressalta que “a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças), como é, mas também contribui para transformá-la”. (FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 92).

ao contrário são referentes e têm sentido de pertença para comunidades ou grupos organizados que comunicam, produzem, re-inventam suas vozes.⁵

As explicações ou pressupostos que norteiam uma cosmovisão redundam, também, nas crenças e nas tradições que são constituídas historicamente e culturalmente. Isso indica que são perpetuadas de geração a geração, como herança a ser valorizada e transmitida.

Falar de cosmovisões, então, implica na aceitação de posicionamentos diferenciados sobre a vida. Esses posicionamentos demarcam a forma como homens e mulheres dão sentido a sua existência e essência.

A razão da vida é, então, delineada numa cosmovisão, à medida que aponta os fundamentos e as bases de fé, que sustentam a forma como homens e mulheres significam seu mover, existir, fazer e interagir uns com os outros e com a realidade circundante.

A cosmovisão sinaliza para uma realidade não apenas objetiva, mas subjetiva, visto que envolve o ser- humano em todas as suas dimensões e relações. A diretriz dada por uma cosmovisão propicia levantar possibilidades quanto à compreensão das visões de mundo e dentre delas situa o âmbito da educação voltada à formação humana.

A interrelação entre cosmovisão e educação pode ser percebida nos jeitos de fazer o trabalho educativo, os quais se fundamentam nas crenças representadas pelos educadores e aprendentes, manifestadas em diferentes ações comunicativas, sejam elas orais, escritas, imagéticas e comportamentais. A cosmovisão é parte da realidade e, também, do sujeito, ou seja, ela é expressão da vida.

A cosmovisão assegura as bases da formação humana, e por isso sua presença deve ser apontada, pois seu papel torna-se determinante para que se compreenda o ato educativo, no que diz respeito a sua finalidade e intencionalidade na prática social. Afinal, ela carrega um “DNA” que decifrará o sentido de ser das gerações. E isso já torna sua ação significativa na vida e na formação humana.

BASES DA FORMAÇÃO HUMANA

⁵ DOMINGUES, Gleyds Silva. Palavra: um espectro de significados. *Revista Via Teológica*, Curitiba: FTBP, n. 20, jun, 2011, p. 72.

As bases da formação humana refletem a postura adotada por cada educador frente ao ato educativo. Isso acontece, porque o ato educativo não é neutro, antes é revestido de intencionalidade, que se corporifica nos dizeres e fazeres docentes, os quais se materializam no contexto da sala de aula.

Falar em bases da formação humana é assumir a existência de um campo de diversidade quanto a posicionamentos pedagógicos relacionados ao sujeito aprendiz e ao processo de construção e sistematização do conhecimento. É importante ressaltar que, uma base de formação não resulta de uma escolha, fruto do acaso, antes é ela incorporada ao trabalho docente, por meio de um processo formativo vivenciado ao longo de uma trajetória educacional e, por isso se integra como um componente definidor da identidade docente.

A identidade docente é uma construção histórica que sofre influências diretas da cultura no âmbito geral e da cultura escolar em âmbito específico, por resultarem de uma cosmovisão que determina o jeito de ser, mover e existir de cada educador e educadora frente à realidade. Não há como falar de identidade docente distanciado do contexto social, em que cada docente encontra-se inserido.

Não se pode também tratar das bases de formação humana de maneira abstrata e, apenas conceitual, o que seria uma visão limitadora, visto que a realidade educativa é o seu espaço de expressão e materialização, o que a torna num campo de análise e investigação. Afinal, para compreender a base de formação é preciso olhar para a realidade educativa e identificar, nela, os pontos de toque, quer seja associado às possibilidades, quer seja às fragilidades e reduções.

“Na verdade, trata-se de um desafio que se coloca ante o próprio significado da educação, não é apenas um processo institucional, seu lado visível, mas fundamentalmente um investimento formativo do humano”.⁶

A realidade educativa é entendida assim como um código de referência a ser decifrado, questionado e investigado como parte de um texto em composição. O texto construído possibilita o acesso a leituras e interpretações, as quais podem ser revisadas e reconstruídas com novas chaves de significação. A base de formação significa uma chave de leitura que pode abrir ou não possibilidades de significação e

⁶ SEVERINO, Antonio José. A formação e a prática do professor em face da crise atual dos paradigmas educacionais. *Ciência e Opinião*, v.1, n.1, p. 15-32, jan/jul, 2003/dez, 2004, p.16.

representação do ato educativo, e por que não dizer do processo ensino e aprendizagem.

Na realidade das escolas brasileiras, a base de formação humana de maior aceitação, e viabilidade encontram-se fundamentadas no modelo denominado tecnicismo, tanto que até hoje existem indícios muito claros de sua presença, principalmente pela maneira de ensinar um conteúdo. “Neste sentido, o professor competente corresponde a um bom executor de tarefas, observando sua posição no interior da organização do trabalho na escola⁷”.

A padronização, a seriação e a lista de exercícios são provenientes do modelo pedagógico tecnicista, cuja aposta é na técnica pela técnica, não há espaço para o diálogo aberto, em seu lugar existem a normatização e o exemplo a ser seguido por todos.

Esta base de formação humana é fruto do processo de industrialização e produção em série, cujo resultado deve ser o mesmo para todos. Isso sugere a existência de uma única resposta correta e um único meio de solução. Não há espaço para novidades e inovação, mas para a repetição em cadeia de um processo tecnicamente pensado e elaborado.

A prática avaliativa destina-se à verificação dos resultados, ou dos pontos obtidos, num processo consecutivo e somatório, que compreende a soma dos resultados conseguidos e traduzidos em escores, os quais indicam o grau de retenção conseguido em determinadas áreas.

O professor assume o papel do instrutor de técnicas e o aluno de aprendiz da técnica, então a relação é distante e, por que não dizer profissional. Afinal, a finalidade da educação é preparar para o mercado de trabalho.

Essa base de formação humana faz parte de um sistema voltado para a profissionalização em grande escala e pode ser encontrado em escolas técnicas e profissionalizantes, como as mantidas pelo comércio e indústria, que por sua aplicação geram a desumanização do sentido de ser humano.

A outra base de formação humana tem por proposta apresentar o cenário em que a educação caminha e apontar possibilidades de superação, à medida que

⁷ MARTINS, P.L.O. Princípios Didáticos na Ação Docente: conhecimento como expressão da ação humana. In: Conhecimento Local e Conhecimento Universal: Pesquisa, Didática e Ação Docente, vol.1, p.43-57, Curitiba: Champagnat, 2004, p.45.

trabalha com a formação de consciência dos sujeitos. Esta formação deve, portanto, ser crítica, histórica e contestadora da realidade em que vivem e pertencem.

Isso acontece porque o sentimento de pertença impele os sujeitos a um posicionamento político, uma vez que a participação no processo de exercício de cidadania é fundamental para um ato de mobilização e respeito à vida. E este exercício se funda numa prática de reflexão.

“A reflexão não é um processo mecânico, nem simplesmente um exercício criativo de construção de novas ideias, antes é uma prática que exprime nosso poder para reconstruir a vida social”.⁸

Diante disso, é a vida o conteúdo a ser desenvolvido na escola. A vida oferece possibilidades de confronto, conflito e diálogo. E é no diálogo que a dialética acontece e se materializa. Não há barreiras de acesso ao ato do conhecer, visto que a vida em sua complexidade possibilita novas leituras e interpretações.

A vida é o sentido do ato educativo, assim como a história construída e todo o processo de sua escrita e sistematização. Isso porque, os sujeitos históricos têm algo para contar, acrescentar, ressignificar e desconstruir. O conhecimento não está acabado e nem mesmo pronto, mas é fruto das interações e relações estabelecidas num contexto histórico e social.

Assim, não cabem currículos fechados hermeticamente em disciplinas, nem mesmo a imposição de conteúdos definidos pelo sistema educacional e, de uma prática avaliativa descontextualizada e estranha aos sujeitos. Antes, o currículo deve compreender a vida com os desafios e as problemáticas levantadas. Há que buscar a significação, a representação e a aproximação do conteúdo da escola com a vida, pois só assim o sentido se evidenciará.

Escolher uma base de formação humana não se constitui num único caminho para o educador, que pensa e reflete sobre o seu trabalho. Porém tê-las como ponto de partida, possibilita um posicionamento comprometido com a educação e com a formação de novas gerações, que tenham a oportunidade de exercer a liberdade e a cidadania com responsabilidade e, ainda, com senso de missão, a qual deve espelhar a criatividade na construção de uma nova história política e social. Isso, sim, é vida.

⁸ PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo.

In: NÓVOA, Antonio (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p.103.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar nas cosmovisões e na forma de ler e olhar a realidade pode-se assumir a educação, como um canal tanto de propagação, como de refutação e de desestabilização de ideias, tradições e imposições, as quais são transmitidas de geração em geração.

A forma como uma cosmovisão se legitima e acontece concretamente deve ser alvo de contínua reflexão e investigação, uma vez que uma crença (suposição) não é substituída por outra de forma descompromissada, automática e nem mesmo romântica, antes sua presença e ação são intencionais e refletem uma forma de interpretar a realidade em suas diferentes faces e dimensões.

Falar em cosmovisões e sobre seu papel determinante na educação significa olhar para a realidade e compreender como de fato ela pensa, organiza e estrutura seu conhecimento. É desvelar sua identidade, seu jeito de ser, suas linguagens e expressões quer de forma concreta e/ou abstrata, no sentido de procurar entender o espaço em que se configura o processo de formação humana.

A identificação de uma base de formação humana pressupõe a existência de diferentes cosmovisões e posicionamentos diante da realidade, visto que dependendo do conjunto de suposições estabelecidas, a lente de interpretação convergirá ou não para um padrão projetado.

Não cabe, aqui, restringir o estudo entre cosmovisão e educação em polaridades, mas apontar a presença de pontos de vista diferenciados e diversos com relação à formação humana, o que significa dizer que no confronto entre as lentes, deve-se compreender o sentido da realidade, e por que não dizer da vida.

O campo da cosmovisão se afirma como um canal aberto para novas discussões e possibilidades, que possam ajudar a decifrar os sentidos construídos no decorrer de um tempo e de um espaço. Isso não quer dizer que a procura deve ser pelo esgotamento da temática, mas em como ela significa o sentido de ser-humano. Sendo essa, a grande inquietação que move o fazer, o sentir e o pensar de homens e mulheres no percurso da história.

Assim, não há como falar de cosmovisões em educação sem considerar o próprio processo de ensino e aprendizagem, pois como um ato relacional carrega no

seu interior simbologias e sentidos próprios, os quais também fazem ou fizeram parte de uma base de formação.

Eis que surge o desafio do sentido de ser-humano, que se materializa sob o prisma de uma lente de interpretação: A lente chamada cosmovisão.

REFERÊNCIAS

DOMINGUES, Gleyds Silva. *Palavra: um espectro de significados*. *Revista Via Teológica*, Curitiba: FTBP, n. 20, p. 69-81, jun. 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. São Paulo: Saraiva, 2012.

MARTINS, P.L.O. Princípios Didáticos na Ação Docente: conhecimento como expressão da ação humana. In: *Conhecimento Local e Conhecimento Universal: Pesquisa, Didática e Ação Docente*, vol.1, Curitiba: Champagnat, 2004, p. 43-57.

MILLER, Darrow L. *Discipulando Nações: o poder da verdade para transformar culturas*. Curitiba: Fato é, 2003.

PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antonio (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 97-125.

SEVERINO, Antonio José. A formação e a prática do professor em face da crise atual dos paradigmas educacionais. *Ciência e Opinião*, v.1, n.1, p. 15-32, jan/jul, 2003/dez, 2004.

SIRE, James W. *Naming the elephant: worldview as a concept*. Downers Grove: Intervariety, 2004.

SOUZA, Rodolfo Amorim Carlos de. Cosmovisão: evolução do conceito e aplicação cristã. In: CARDOSO, Claudio Antonio; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; SILVA, Mauricio, José. *Cosmovisão Cristã e Transformação*. Viçosa, Minas Gerais: Editora Ultimato, 2006, p. 39-55.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.
Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.64-73